

# Malan faz 6 anos no comando da economia

Ministro da Fazenda enfrenta a perda do apoio do PFL, principal defensor de sua política no Congresso

Maria Luiza Abbott e  
Leandra Peres

• BRASÍLIA. Na próxima sexta-feira, dia 13, faz seis anos que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, chegou ao primeiro escalão da equipe econômica, como presidente do Banco Central. Ele saiu depois para assumir o ministério e já bateu o recorde de permanência no cargo nos últimos 15 anos.

Nesses seis anos no comando da economia, seu poder e influência no Governo só cresceram. Mas, semana passada, Malan recebeu um duro golpe e, provavelmente, de onde menos esperava. Foi criticado em público pelo presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. E o PFL, até agora o maior avalista no Congresso de sua política, tem intenção de abandoná-lo. Em conversas nos bastidores, pefelistas garantem que o partido desistiu de defendê-lo dos adversários desenvolvimentistas tucanos.

Ele é criticado pelo PFL do Nordeste por não ter se empenhado para garantir os benefícios para que a Ford se instalasse na Bahia. E até a idéia difundida pelos pefelistas de

que Malan era indispensável à imagem do país no exterior foi transferida para o presidente do BC, Armínio Fraga. Na reunião da executiva do PFL, na quinta-feira, foram feitas duras queixas contra o ministro.

— Quando a economia ia bem e o país estava crescendo, as pessoas faziam vista grossa para a arrogância do ministro. Mas quando se está no fundo do poço, as pessoas querem pelo menos carinho — diz um integrante do partido que participou da reunião.

## No Congresso, críticas à fala difícil do ministro

No Congresso, Malan é respeitado, mas visto como um burocrata de fala difícil e que trata com desdém os que não entendem o “economês”. Entre auxiliares, amigos e até ex-companheiros de trabalho, no entanto, a explicação para essa postura é que o ministro é inteligente, culto e muito bem preparado. Daí sua dificuldade em perceber que nem sempre os outros entendem sua linguagem técnica. O ar blasé, segundo os amigos, vem desde os tempos acadêmicos.

Os que convivem com o mi-

nistro elogiam sua habilidade em conciliar e administrar conflitos. A seriedade e a reserva que mostra em público são substituídas na intimidade por brincadeiras. O secretário da Receita, Everardo Maciel, e o ex-presidente do BC Gustavo Loyola, parecidos fisicamente, eram muitas vezes apresentados por Malan a outras pessoas com os nomes trocados, apenas para fazer piada.

Uma de suas qualidades, segundo os amigos, é que Malan ouve mais do que fala. Para os inimigos, porém, o ministro evita dar suas opiniões para não se comprometer nem correr riscos. Mas nem sempre ele foi tão cauteloso. Funcionário de carreira do Ipea, Malan foi um crítico áspero da ditadura militar e do modelo econômico. Quando Mário Henrique Simonsen assumiu o Ministério do Planejamento, em 83, irritou-se com suas opiniões e pediu seu afastamento ao recém-nomeado diretor do Ipea, Francisco Lopes, que conseguiu transferi-lo para a PUC, no Rio.

Na mesma época, Malan concorreu ao cargo de diretor do Centro de Empresas Trans-

nacionais da ONU, em Nova York. Simonsen mandou uma carta à instituição alertando que o candidato era um perigoso comunista, segundo relato do próprio Malan a amigos na época. A advertência foi ignorada pela ONU.

Na época da ditadura, o atual ministro fazia críticas à distribuição de renda, aos acordos com o FMI e ao crescente endividamento externo. Malan foi o primeiro a usar a imagem de um rabo abanando o cachorro para referir-se ao tamanho da dívida e sua influência na economia brasileira, durante o Governo Geisel.

## Controle da inflação foi a maior conquista

No primeiro ano do Plano Real, quando Malan já era presidente do BC, o aumento da dívida externa foi igual a todo o endividamento do período Geisel. Entre 94 e 98, a dívida subiu de US\$ 148 bilhões para US\$ 234,6 bilhões. O controle da inflação, porém, foi a maior conquista da era Malan. O Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) do IBGE, fechou 1993 em 2.477,15%. Em 1998, foi de apenas 1,65%. ■